



COMPANHIA DAS LETRAS

JOSÉ GARDEAZABAL MULHER NO ESPAÇO

Creio que já não amo o meu trabalho. Na verdade, nunca o amei, é um emprego, liberta-me tanto como uma doença, um desgosto, uma fome, um frio velho e doido no centro escuro da Europa. A textura do gelo grosso, na Sibéria, a humidade de um verão no Alabama, no Norte do Brasil. Assim me sinto, uma refém do clima.

*

«O futuro é circular?»

Queira Deus.

*

Os extraterrestres aterraram e moram nas empresas do futuro. As empresas infelizes são todas iguais. Trabalhamos num buraco nutrido a ficção científica, chefiadas por gente do espaço igual a nós, por fora carapaça, por dentro máquinas de fazer chichi. Tem isso de proletário, a urina, um interior de dignidade e obscenidade, não se esqueçam. Os gabinetes da administração são módulos espaciais, pendurada na parede, a fotografia

azul do antigo planeta Terra. A nós, operários, cabe-nos calcar a poeira de Marte, dois anos depois de um deus malvado condenar os melhores do mundo à derradeira escravatura.

*

*«Dezenas de novos lagos descobertos sob o gelo
da Antártida
O número de lagos na Antártida sobe para 231.»*

— A Humanidade vai autodestruir-se antes de o sol nos queimar a todos.

— Calma, não vês que está a chover?

*

— Todos os administradores são homens — anotou Angela.
— Quase todos.

Fez uma pausa dramática, das que fazíamos antes de saber escrever. A chuva, lá fora, calara o seu ruído imbecil.

— Homens educados, industrializados, ricos e democratas — enumerou. — E ocidentais.

— Não devias falar de ocidentais. É feio — queixou-se Aurora.

Na operação suja e miraculosa que nos acorrenta, ocidental é alegoria. Alegoria má. Aurora, a anti-Occidente, a que chamo a antioxidante, como em francês.

Lá fora, o calor do Sol regressara, sem queimar.

*

Aos trabalhadores do armazém chamo «nações unidas». Somos as nações unidas, tal como podíamos ser uma tribo índia. Dentro de mim, uma vozinha feminina pede-me para não usar a palavra índia nem a palavra tribo. As minhas nações unidas são uma tribo proibida de chamar índia a si mesma. Somos nações unidas pela diversidade, pela desigualdade e pela diferença. Já nos chamaram deploráveis, há quem nos chame lixo. É compreensível, mas lixo não somos, a maior parte do tempo.

Não somos deploráveis, basta aprender a olhar para nós. Daron, por exemplo, Daron quer ganhar o Prémio Nobel da Paz.

*

O meu interesse por sexo, mesmo explícito, diminuiu gradualmente, à medida que a minha maldita situação económica se me agarrou à rotina dos dias. Na vida operária, as diferenças entre homens e mulheres dissolvem-se como uma cicatriz fechada, desnecessária. As exigências do desempenho, em meio fabril, fazem do sexo uma distração fútil, a sombra favorita dos distraídos. Estamos tristes, fomos treinados para o desempenho.

Algumas das minhas colegas tentam tocar-me. Por viver sozinha, imaginam-me com saudade dos dedos e do resto. Não tenho. Dos dedos, trato eu bem sozinha.

*

Adormeço a sentir-me pobre e acordo a sentir-me pobre, todos os dias. Durmo pouco. Nos dias infelizes sonho ser múmia, desenterrada fria de uma montanha prisioneira das neves do Sul, menina morta mil anos atrás, abraçada a mim mesma. Ser menina é agradável. Gostava de ser menina.

*

*«O casal anunciou o seu noivado na terça-feira passada.
O anúncio foi acompanhado de cinco imagens de abraços
num cenário de flores. O noivo ajoelhado, o anel
de noivado, um diamante deslumbrante.
A notícia chega dias depois de uma aparição do casal
em que o afeto entre os noivos era já evidente.»*

*

Tentei um emprego ao telefone, encarnar uma voz deitada de jovem entusiasmada com um homem desconhecido do outro lado da linha. Não gostei. Na cama, e ao telefone, a minha voz perde muita da sua sensualidade. Era como se eu explorasse os homens e os homens me explorassem a mim, ao mesmo tempo, o que é triste, não é doce nem educado.

*

Dulce escolhe bem as suas feministas. Beate Sirota Gordon redigiu a Constituição do Japão logo depois da derrota do país asiático às mãos dos Estados Unidos. Mãos é como quem diz bombas, duas pelo menos. Hoje em dia, pouca gente pensa na Constituição do Japão, pouca gente conhece Beate Gordon. Dulce pendurou a imagem de Beate na parede, a caminho do teto, de maneira que Beate a olha de cima para baixo. Sempre que necessita, Dulce reza ou parece que reza. Todos devíamos ganhar coragem para orar às grandes mulheres. Dulce não é crente, escolhe muito bem as suas orações. Havíamos de erigir

capelas dedicadas aos direitos das mulheres, guarnecidas de santas novas e mulheres desconhecidas.

*

Interessa-me o futuro dos operários, nisso sou vidente. Não adivinho, ofereço-lhes o alívio simples de uma bela história. Não tenho medo, nem sequer de salvar os outros. De resto, sou adepta de um futuro sem invenções. Somos passageiros numa casa sem teto, e hóspedes de um navio sem chão. A quem não serve um pouco de salvação?

Especializei-me na dor dos outros.

E as minhas dores?, perguntam. Não há tempo para tudo, pois não?

Não sei se vou morrer, nunca aconteceu. Quando me aproximo demasiado do futuro, o meu cabelo embranquece.

*

Amartya vive apavorado com a ideia de envelhecer. Vê-se já sozinho, às voltas com as compras num supermercado, à procura de atum em conserva entre o gelo do peixe fresco. Ajudo Amartya a preparar uma lista de compras para uma futura velhice a dois. Aconselho-lhe quantidades e depois divido as quantidades por dois, afinal Amartya vive sozinho e não tem expectativas de melhoria. Num tom de esplêndida tristeza, Amartya conta-me como lhe atribuíram a categoria Apgar 10 à nascença. O Apgar é um teste de viabilidade do bebé recém-nascido. Amartya não é um recém-nascido há muito tempo. E, no entanto, tem saudades do recém-nascer.

Apgar é uma mnemónica.

Aparência

Pulso

Expressão

Atividade

Respiração.

Mnemónica norte-americana. Expressão diz-se *grimace* em americano, daí Apgar e não Apear. O Apear recém-nascido? Soaria a ciência falsa.

*

Num momento de quase desespero, Amartya colou anúncios pela cidade, alguns em cima de imagens de cães desaparecidos.

*«Homem que ainda pode ser considerado jovem
procura relacionamento com jovem companheira,
fiel e carinhosa, pronta a acompanhá-lo na velhice.
Sem compromisso.»*

Não obteve resposta.

— Resgataram um cão — assegura Amartya. — De espírito muito meigo, há meses perdido dos seus donos. Muito magrinho, quando o encontraram.

Fraco consolo, a sorte dos cães.

Amartya diz dormir com uma metáfora. É um desabafo. Desculpa-se, dormir com metáforas é melhor do que dormir sozinho. Não lhe pergunto por nomes.

*

*«Os teus amigos tal e tal celebram hoje o seu aniversário.
Envia-lhes energia positiva.»*

Sobrevoa as palavras eletrónicas com um leve improviso de dedos. Sou uma técnica digital, dedo esticado, indicador e anelar retraídos.

Desligo o telefone, reservo a energia positiva para mim.

*

A paisagem do armazém transpira a falsa simplicidade dos amigos invisíveis. Cinzento, quase tudo, o pé-direito a altitudes que macaqueiam os planos espaçosos dos palácios da pobreza. Caixotes por todo o lado, a subir pelas paredes, ao centro passadeiras rolantes chamam com mensagens destinadas a desconhecidos. Serpentes emplumadas cospem, incessantes, as mercadorias do mundo. A cerâmica preta e branca do chão lembra um tabuleiro axadrezado cujos reis e rainhas foram engolidos, forçando os jogadores ao exílio. Os operários, velhos e novos, trabalham de pé, gordos e magros, de todos os géneros e todas as raças, se raças houvesse, se géneros houvera. Apressadas, passam-nos à frente dos olhos encarnações imperfeitas da nossa humanidade. Os melhores operários dedicam a cada embalagem em viagem aquele olhar miudinho com que os pais atentos nos aconselham a terminar os deveres. Muitos dos trabalhadores abandonaram os estudos. Muitos, mas menos, não tiveram pai nem mãe. A outros, o pai fugiu-lhes na infância e só lhes deixou para trás o nome, o nome e a mãe.

Sim, somos o que somos. Sim, também os lobos atrasam o passo por um companheiro ferido, do mesmo modo os alces majestosos se demoram na pastagem por atenção a um infante

frágil, mas só nós, mulheres e homens, inventámos a contabilidade criativa e agasalhamos multidões através do mecanismo mágico da segurança social. Somos o que somos. Somos outra coisa. Somos quem fingimos ser. Somos todos diferentes.

Aqui não se passa nada, nem nunca se passará. O armazém subsiste como uma tremenda aldeia feliz, larga, ampla, dilatada, ancha. Só que não é uma aldeia, é um emprego. O que se passa no interior do armazém acontece dentro da cabeça de cada um, mas a estes empregos modernos não interessa o nosso interior. Ora, eu não, ou seja, eu sim, eu quero estar dentro da cabeça de cada um. Os operários contam-me coisas. Outras, percebo-as mentalmente, à distância. Chamem-me bruxa, xamã, terapeuta, psiquiatra, psicanalista até. Mas não me falem de Viena ou Buenos Aires. Não me lembrem as praias do Rio de Janeiro no verão.

*

Acerco-me de uma encomenda urgente. Sussurro.

— Eu vou queimar-te.

Nada, nem sinal de medo. Os objetos possuem a coragem inanimada das almas pequeninas. Aproximo-me da passadeira.

— Vou afogar-te na água.

Às encomendas, não afligem nem os líquidos do dilúvio. Noé desimpidiu as portas da Arca para os animais entrarem, e os objetos decidiram continuar na margem seca, porque não tinham medo. As mercadorias devolvidas porque o destinatário faleceu. Não têm medo. As mercadorias destinadas aos mortos pensam neles como sacos cheios da terra do Além, terra excelente para estrumar a cicuta e as camélias.

*

Vivo numa cave, acima, a cidade. A cidade, imagino-a da janela. Na verdade, vivo numa ex-cave, a estes preços a minha cave foi promovida a segundo andar, varanda pequena, vista rio. A janela é uma fresta infantil, greta pequena, rachadura sucinta. As melhores caves servem para a evasão ou a viagem? A estes preços, esta boa cave dá para tudo. Talvez morrer. Pela minha janela, convenço-me de que a América está no céu e eu hei de lá chegar. A América e o Espírito Santo estão no céu, à direita de Deus, a dar encontrões um ao outro. Por agora, a América está a ganhar ao Espírito Santo. Conto pelos dedos de duas mãos os saltos altos das mulheres que passam na rua, admiro-lhes os tornozelos, sinto-me homem, sinto-me um francês que gosta de mulheres. Não sou homem, nem gosto de mulheres, não no sentido francês de um homem que espreita os tornozelos das mulheres, de baixo para cima. São poucas as mulheres a usar saltos altos, aqui. Os pés das mulheres trabalhadoras, imagino-os descalços, e unissexo.

*

Provérbio índio.

*«Existem dois cães a lutar dentro de nós,
um cão bom e um cão mau.
Vence o cão a quem dermos de comer.»*

Desce-me pelo corpo uma cicatriz invisível. Sou feliz nos dias em que o meu nome é cicatriz. Em dias bons, a ferida retira-se para a sua toca, um lugar no meu pescoço, onde descansa. Nesses dias, recordo exatamente o meu nome. E o meu medo.

O seguro de saúde não cobre as nossas cicatrizes. Se não fosse assim, aonde íamos parar, tantos os operários, tantas as cicatrizes? Alguns administradores ostentam a pele suave e macia dos bebés crescidos, alguns parecem ter sessenta anos. Em dias de sol, é possível surpreender as suas coberturas de saúde a beijarem-lhes as rugas na testa com a força de uma fada-madrinha tecedeira a fabricar carruagens do nada, dez minutos antes de um baile infinito num palácio privado.

*

A linha que separa a ficção da realidade do armazém esbate-se, e tudo é real, como é real um inseto aprisionado num frasco transparente. Nós não somos insetos, somos as patas dos bichos, peludas, crescidas e escuras, talhadas para levantar quarenta e três vezes o nosso próprio peso com fortaleza animal. À escala humana, são três toneladas. As formigas têm essa força? Somos formigas. As abelhas, esse vigor? Somos abelhas, somos elefantes adestrados, com água acima dos testículos, até meio da tromba, atravessamos o cinzento rio da vida com uma família numerosa às costas, turistas ocidentais, pai obeso, crianças insuportáveis, da mulher não falo, todos a tirar fotografias.

À volta dos elefantes, um cheiro artificial, a selva.

Apesar disso, o ar do armazém traz-nos às narinas, sem esforço, os odores e o tipo de espírito bom que nos alimenta e paga as contas, de que não celebramos a presença.

A maneira como Nash apregoa:

— As sinergias, claro.

Perante factos desinteressantes, sobre os quais nada há a dizer:

— As sinergias, claro.

Aquele «claro» entusiasmado, tão gêmeo das multidões diante de um cadafalso ou do surpreendente massacre de um nu. Um sumário, uma síntese, as sinergias. Claro.

*

Nash é um semijovem, o porte simpático de um deus das redes sociais. Uma adivinha de violência ou sexo, a partilha de imagens escolhidas de animais domésticos, cabeludos, com dentes. Nash, a quem apetece perguntar:

— E você, quantas vezes pensou hoje no Império Romano?

Vejo Nash a colecionar bonecas, para as vestir e despir, vestir e despir, mais despir do que vestir. Na presença das mulheres, Nash retesa o maxilar, se o maxilar é aquilo entre as pernas. O seu pensamento parece dois segundos atrasado em relação ao pénis. As mãos também. Consome medicamentos para a diabetes, diz que são para emagrecer, as injeções.

— Mas você não precisa! — apregoa Celeste.

— Claro que preciso.

Nash injeta-se às escondidas, no escuro. Eu vi-o. Gosto de ser mosca, de olhos no mundo dos milionários. Nash emagrece à vista desarmada, abre o apetite dos operários para emagrecerem às escondidas.

Celeste, descubro-a depois na cantina, a contar calorias à mão. Confessa-se a favor do corpo e contra as injeções. Tem uma tatuagem, uma cruz e a frase «amor de mãe», são as duas melhores maneiras de pedir ajuda em abstrato, porque a mãe de Celeste não existe, e Deus... já sabemos com o que contar vindo dessa parte. Celeste tem o desejo exagerado de namorar um homem grande. Não pelo sentimento de proteção, nem por nenhum sentimento. Celeste lá sabe, é com ela.

*

No meu primeiro dia no armazém, fui convidada a escolher um nome falso. Nash abriu uma gaveta a abarrotar de crachás, Bárbara, Adelaide, Victor, os nomes ali atulhados feitos legião.

— Escolha um nome, por favor.

— Mas o meu nome é ...

— O seu nome, não. Os nomes aqui são estes. Escolha um, há muitos.

Eram nomes pilhados a mortos, a operários despedidos, identidades roubadas a baixas de longa duração. Um caixão de inocentes de várias idades, os nomes abandonados depois de o sistema os despir e lhes roubar os sapatos. Os dentes. Os anéis de noivado. As pequenas pratas trazidas camufladas nos bolsos e em partes do corpo.

Escolhi um nome.

— Bárbara. — Um nome ao acaso, essa a minha vingança.

Para a administração, tornei-me Bárbara para sempre. Passei a circular com um nome que não era eu. Assim estou. Vontade de arrancar a roupa de mim e mostrar-me nua até aos ossos, na esperança de ler, impresso nas costas, o meu nome verdadeiro. Depois, lentamente, exigir os meus antigos sapatos, a minha dentadura postiça.

*

Nash é como imaginamos a figura de jovem adulto com dinheiro.

— Os melhores adultos têm dinheiro — sugere Sofia.

— Os melhores adultos são jovens — corrige Reema.

Sofia distingue bem as duas metades de Nash, a metade de cima, deliberada e corporativa, e a metade alternativa, do cinto para baixo. Nash é dois homens em um, torso e cabeça de empresa, partes baixas mal-educadas, púbis de menino-problema, filho de uma família bem, ausente num enterro, que deixou o adolescente a tratar da piscina na companhia das férteis filhas do vizinho. Sofia, dizem-na a liberal. Reema, trabalhadora e idosa. Um pouco mais acima, falei-vos de Celeste, «a do corpo», a sua autoimagem tão positiva emancipa-nos. Mas abandonai todos os estereótipos, vós que aqui entraís!

*

— Percorri o caminho de Santiago de trás para a frente. Comecei de frente para o túmulo do apóstolo e daí segui, às arre-cuas, até ao fim do mundo. Peregrinei de costas. Nunca mais olhei para trás, nunca mais quis outra coisa.

Nash fantasia, temos a certeza. A minha vingança é obrigá-lo a atravessar os Estados Unidos, do Atlântico ao Pacífico, também de costas, mas de joelhos, enquanto toca harmónica de dedo enfiado no nariz, unha do mindinho crescida, colhe todo o algodão do chão do Alabama e cantarola aos vagabundos seus amigos, achados nos comboios do Mississípi.

Malícia minha, os ricos podem alugar o seu peregrino pessoal. Por quantias sensatas, há um pobre sempre disposto a oferecer-se para substituir um próspero e caminhar descalço num itinerário santo. Este tipo de peregrinação é um negócio florescente. Venturoso.

*

No capítulo do turismo, Nash viaja todos os verões para um país pobre, de onde envia fotografias onde está cercado de crianças felizes. «Reparem nos sorrisos!» É um bónus de produtividade, um prémio anual, livre de impostos. Todos os outonos, Nash esclarece que as crianças pediram para ser fotografadas. Pediram-me dinheiro, naturalmente, mas não se deixaram fotografar pelo dinheiro, isto é gente boa, diz. Reparem nos sorrisos.

*

Pinelopi, administradora, feminino de administrador. Pinelopi, a capataz. Se um dia depurarmos as dores do mundo, acordaremos que o feminino de capataz falta não fez. Pinelopi, a capataz, a temível. Temível, feminino de temível. As pessoas estrangeiras incomodam-na, mas só se estão perto dela, o que pode ser evitado em partes da paisagem industrial contemporânea. Existem suspeitas fundadas da presença de estrangeiros no passado de Pinelopi. Não temos todos passado de estrangeiros? Pinelopi escusa-se. Os seus estrangeiros, explica, são todos do tempo dos dinossauros. No tempo dos dinossauros não existiam seres humanos, no tempo dos dinossauros éramos todos família.

— Pinelopi trata o cão como tratou o marido — acusa Dulce.

— Bem?

É falso, Pinelopi enviuvou há algum tempo, o cão é só boa companhia.

— Gosto de ser viúva, gosto de viver sozinha. Está-se com um fantasma, ninguém nos incomoda.

Vestida tem bom aspeto, imagino que nua não. Raramente ousa entrever colegas de trabalho sem roupa, é uma questão

de princípio, mas, como Pinelopi é uma capataz, solto um pouco a imaginação.

— Os melhores casamentos, nem se dá por eles — acrescenta. Vejo Pinelopi meio vestida, meio não. Seminua, imagino-a com a fisionomia evasiva dos políticos que olham a imigração como um problema.

— O Sul global vem a caminho do Norte — avisa.

— A pé, Pinelopi?

— A pé e a nado.

— Também a nado?

*

Depois de uma carreira de anos na publicidade, Pinelopi dedica a segunda metade da vida às novas tecnologias. Numa entrevista, confessou ansiar por um capitalismo de fronteira e um certo amadurecimento pessoal, que acredita estar prestes a encontrar.

— Quero ser capitalista, mas só até aos cinquenta. Depois, quero gozar a vida.

Ecos de viagens ao Índico, ilhas, hotéis vinícolas na Europa de Leste, um percurso de balão nas montanhas da Anatólia ou na planície da Mongólia, sobrevoando brancos rebanhos de cavalos selvagens. Algum voluntariado, certamente, matemática e computadores num lugar com sol e praia.

E pobres também.

*

— Na vida, ou sabes fazer coisas com as mãos ou obrigam-te a usar a cabeça. Fala Akim, «o das mãos». Na indústria,

exigem-nos mais das mãos do que da carola. Essa enorme esperança de mãos saturava o ar próximo à linha de montagem, esta é uma frase como outra qualquer. Falo-vos de armazém e, tenho a certeza, caem-vos à cabeça encomendas de livros, mas os livros não são a história toda, também se vende cosmética e pornografia. Pacotes prendados com embrulhos a negro, o pseudónimo do destinatário revisto três vezes, à mão. Quanto à pornografia, Akim declara-se objeitor de consciência, recusa ser cúmplice desse comércio. Há outros objeitores, outras consciências. Como não quer ficar sem salário, Akim, de olhos fechados e com luvas, processa as encomendas de objetos pornográficos. É meticuloso, no fim de cada gesto de olhos tapados, pensa em si mesmo como testemunha.

— Decidi fabricar um chicote pessoal. — Luva em riste.
— Importei couro de um país em desenvolvimento. O chicote é uma forma de vida. Não se preocupem, não vou magoar ninguém.

— Ainda bem.

— Ou, melhor, só me vou magoar a mim.

— Ainda bem.

Um dia, mera distração, Akim, as mãos cegas, despachou a um cliente de artigos religiosos de autoajuda dois artefactos eróticos concebidos para oferecer grandes prazeres ao destinatário. Ou o contrário, despachou livros sagrados a um sozinho. Inadvertidamente, foi responsável por uma ou duas discretas conversões cujos beneficiários preferiram manter o anonimato. Importante é as pessoas serem felizes no fim.

Akim tem a idade dos que foram poupados ao advento da educação sexual na escola pública. Surpreendi-o a fazer uma pergunta por escrito ao telefone.

*«Quero ter relações sexuais e não quero engravidar.
Como faço?»*

Expliquei-lhe com gestos de mão que ele era um homem, um homenzinho. Falei-lhe um pouco, muito pouco, da ideia de gravidez, e, também por gestos, pedi-lhe para estar à altura das responsabilidades.

*

Akim sonha ser salvo pela literatura, mais precisamente pela leitura de policiais. Infelizmente, porque não há salvação nos policiais, já o avisámos. Gosta muito de ficção científica, raramente interrompe a leitura antes da última linha da última página, seja qual for a ficção científica. Avisámo-lo também da ficção científica, mas estamos quase a abandoná-lo à sua sorte.

— Neste lugar, podemos ler o que nos apetecer. — Refere-se ao emprego no armazém.

— E a biblioteca pública?

— Não gosto. Sinto-me mais pobre, nas bibliotecas públicas. Por causa do silêncio.

— E aqui não te sentes pobre?

— Sinto, sim, mas gosto mais de ser pobre aqui.

Envia-me excertos literários impossíveis de classificar, um dia foi mais ou menos isto:

*«Primeiro perdi-me, era um labirinto e eu gostava.
Se houvesse ali Minotauro, morríamos juntos.
Conversávamos, tomávamos café,
e depois morríamos juntos.»*

*

Apesar do odor mascarado a pornografia, a rotina do avanço das mercadorias namora o onanismo. O cuidado e o olhar, a atenção à postura, assim próximos do desenrolar horizontal do tapete mecânico por onde viajam milhares de produtos internacionais a imitar o ritmo fértil das grandes migrações. As pausas curtas, os ocasionais assobios, sucedâneos inesperados do êxtase.

*

*«Julian perguntava-se se ir embora fora a decisão certa.
Tarde na noite, rolava pela estrada, repetindo cada detalhe
do seu passado amoroso, debatendo ininterruptamente
a sua vida agora infeliz.»*

*

Desligo o telefone. As trevas repentinas espantam-me. Coloco o aparelho no bolso esquerdo do macacão. Sem a perceber, uma luzinha azul e branca insiste por dois segundos na escuridão.

E depois nada.

Na televisão, um homem atarefado dirige-se em voz alta ao espírito dos mortos. Agora o tempo passou e a televisão morreu e os espíritos fugiram para as redes sociais. Este meu telefone anima-me, já me salvou várias vezes. Continua a salvar, acho. Não gosto de gatos, os gatos não me ajudam. Ninguém imagina a quantidade de histórias à volta de pinturas antigas ou de viagens a pé nas montanhas da Espanha e da China, multidões a caminhar

em bicos de pés sobre vidro transparente, com a postura tímida de quem pisa as brasas de uma fogueira pela primeira vez.

*

Quando acontece um acidente, a empresa diminui temporariamente a azáfama do armazém. Nessas pausas, a administração parece sonhar com uma fábrica nova, a labutar sozinha e às escuras, sem luz nem trabalhadores. Braços mecânicos, na sombra lembrarão pessoas sem cabeça, mas extremamente hábeis. Humanos do pescoço para baixo, operários vinte e quatro horas por dia. Ao fundo, música chinesa. Ou indiana. A presença explícita da escuridão e da música oriental sugere algo parecido a saúde mental. Gosto de música oriental.

Quanto à saúde propriamente dita, estamos nas mãos de Deus. Entre nós, Deus manifesta-se sob a forma de um inseto aramaico em risco de extinção. Um inseto fugidio, escondido em toda a parte. A palavra aramaico soa tão bem, não precisamos de mais nada para acreditar.

Mas acreditar em quê?

*

Numa dessas interrupções acidentais em que a administração sonha com o futuro, Sofia queixou-se de um refrigerante. A sua *Coca-Cola* perdera gás e estava a morrer. Um dos imprevistos capazes de me afligir é presenciar de perto a morte de uma *Coca-Cola*. Ofereço-me para a beber assim mesmo.

Bebo a *Coca-Cola*.

Segundos depois, tinha salvado uma *Coca-Cola*. Considerei-a a minha boa ação do dia.

Mulher no espaço

Uma trabalhadora de uma gigantesca empresa de expedição de encomendas, Bárbara de seu nome de guerra, vive um precário equilíbrio entre uma gravidez escondida, o conforto das redes sociais e o aconselhamento terapêutico aos colegas de trabalho, prisioneiros de ansiedades várias. Convidada a partilhar um voo de turismo espacial como única operária entre astronautas milionários, aproveita o passeio na atmosfera para anunciar a sua condição e exercer uma pequena grande vingança sobre um dos milionários, reconhecido assediador.

Regressada do espaço, assiste ao lento desmoronar da atmosfera fabril, com a chegada de novas máquinas trabalhadeiras a relegarem o operariado ao despedimento e ao desespero, enquanto a administração oferece como menu consolador uma panóplia de eremitas, falsos santos, mulheres-mágicas e especialistas do fim do mundo, entre outros.

Um romance imerso nos desacertos pessoais e políticos que moldam o doloroso fio do dia a dia da contemporaneidade, que nos traz a voz única de um dos autores mais lúcidos e atentos do nosso tempo.



«Sim, somos o que somos. Sim, também os lobos atrasam o passo por um companheiro ferido, do mesmo modo os alces majestosos se demoram na pastagem por atenção a um infante frágil, mas só nós, mulheres e homens, inventámos a contabilidade criativa e agasalhamos multidões através do mecanismo mágico da segurança social. Somos o que somos. Somos outra coisa. Somos quem fingimos ser. Somos todos diferentes.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt



[companhiadasletrasportugal](https://www.companhiadasletrasportugal.com)

ISBN: 978-989-589-431-4



9

789895 894314